

## **“Hiato Social”: Trabalhadores Sem teto no Shopping**

**Geraldiny Malaguti**

O objetivo do trabalho é buscar algumas reflexões sobre o crescente processo de segregação dos espaços da cidade do Rio de Janeiro, salientado o aumento de um individualismo exacerbado na sociedade atual.

Para tanto foi escolhida uma cena urbana para análise: à ida do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) ao shopping Rio Sul, localizado em Botafogo em 03 de agosto de 2000. No filme Hiato (diretor Vladimir Seixas) vemos que antes mesmo da chegada ao seu destino, os integrantes tiveram o ônibus alugado, interceptado pela Polícia Militar com a argumentação de apenas ser uma verificação para saber se tudo estava bem. Ao vermos o filme um dos policiais pergunta o destino e a motivação do passeio, já podemos então perceber que a cidadania desses indivíduos passa por um controle, por uma permissão, limitação. Pois esses mesmos policiais jamais parariam um outro ônibus ou carro que não estivesse com as pessoas para fazerem as mesmas perguntas.

No texto “Outros olhos: as ru(s)gas da cidade e seu desenvolvimento nos discursos contemporâneos” de Eliana Kuster, coloca em foco a questão da divisão da cidade. A autora percebe essa territorialização através dos discursos forjados pela mídia e os acessos a determinadas áreas da cidade.

Teresa Pires Caldeira, percebe que ao longo das últimas décadas um crescente número de espaços delimitados, com fronteiras bem demarcadas, onde uma parcela da população se abstém da vida na social da cidade. Inicia-se com essa atitude uma vivência da anti-cidade. Assim vai se criando áreas delimitadas, ‘enclaves fortificados, e o acesso a estes é vetado à alguns. Dentro desses espaços existe um controle excessivo, são cheios de aparatos de segurança, existe uma série de constrangimentos para poder acessá-los. Para Teresa Caldeira, a criação desses espaços encontram justificativas no medo e na violência e atraem cada vez mais aqueles que desejam se separar/evitar os espaços públicos, deixando-os para os pobres, mendigos, populações de rua, ou marginas. “Enclaves fortificados geram cidades fragmentadas em que é difícil manter os princípios básicos de livre circulação e abertura dos espaços públicos que serviram para a estruturação das cidades modernas.”<sup>1</sup>

Para Kuster esta crescente redução da sociabilidade na cidade atende aos apelos do consumo e faz com que sejam anuladas paulatinamente as singularidades de uma parcela dos cidadãos. Existe, portanto a negação da esfera pública dessa parcela, segundo Hanna Arendt em Kuster “A função do âmbito público é iluminar os acontecimentos humanos ao fornecer um espaço das aparências, um espaço da visibilidade, no qual os homens e mulheres podem ser vistos e ouvidos e revelar mediante a palavra e a ação, quem eles são.”<sup>2</sup>

Se para conseguir exercer o direito a representação na esfera pública é necessário consumir, este então não é exercido pelos mais pobres, configura-se dessa forma um descarte de tal segmento.

O ato promovido pelo Movimento pode ser encarado como uma potência desestabilizadora, capaz de produzir crise, pois é uma forma de exigir a sua possibilidade de ser visível, de ter direito de representação pública.. Nesse sentido, pretendemos entender suas implicações junto aos lojistas, funcionários de lojas e usuários do shopping.

### **Notas**

1- KUSTER, Eliana. Outros olhos: as ru(s)gas da cidade e seu desenvolvimento nos discursos contemporâneos. p. 4

2- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves Fortificados: A nova segregação urbana. p. 1